

Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada-à-Cinta (Portugal)

S. O. JORGE; V. O. JORGE; C. A. F. DE ALMEIDA; M. J. SANCHES E M. T. SOEIRO

Foram recentemente descobertas, nas proximidades do Douro internacional, na freguesia de Mazouco (concelho de Freixo de Espada-à-Cinta, distrito de Bragança), gravuras rupestres cuja grande importância reside no facto de serem, provavelmente, as primeiras gravuras de ar livre do Paleolítico superior português.

Mazouco situa-se a cerca de 6 km. para NNE da sede do concelho e a cerca de 1.750 m. para NW do troço mais próximo do vale do Douro, num pequeno *plateau* inclinado, na margem direita da ribeira de Albagueira. Para chegar ao local das gravuras, é necessário descer um íngreme estradão, que corta formações xisto-grauváquicas ante-ordovícicas, em direcção à referida ribeira de Albagueira, a qual corre num sentido aproximado norte-sul, para inflectir depois para SE, antes de desaguar no Douro. O sítio encontra-se na margem direita da ribeira, perto da confluência (cujas morfologia se acha alterada devido à subida das águas provocada por barragens), em frente e para oeste do «Picão do Navalho», na base do «Cabeço da Vigia», a uma cota aproximada de 210-220 m. As coordenadas geográficas de local são as seguintes (segundo a «Carta Militar de Portugal» na escala de 1/25.000, folha 132-Fornos):

41° 8' 17" Lat. N.

2° 22' 15" Long. E. Lx.

A estação acha-se integrada em formações do complexo xisto-grauváquico, «afectadas por metamorfismo regional» (v. «Carta Geológica de Portugal» na esc. de 1/500.000, Serv. Geol. de Port., 4.ª ed., 1972), numa área de contacto com granitos hercínios, ante-vestefalianos (predominantemente alcalinos, de duas micas). A paisagem é extremamente alcantilada, com descidas abruptas para o Douro e seus afluentes, característica que, antes da construção das barragens, era obviamente ainda mais acentuada.

As gravuras de Mazouco reduzem-se, para já, a três motivos zoomórficos. Estão implantadas nas referidas rochas do complexo xisto-grauváquico (filádios), fendidas segundo planos de xistosidade sub-verticais, e profundamente diaclasadas, numa direcção perpendicular à daqueles planos.

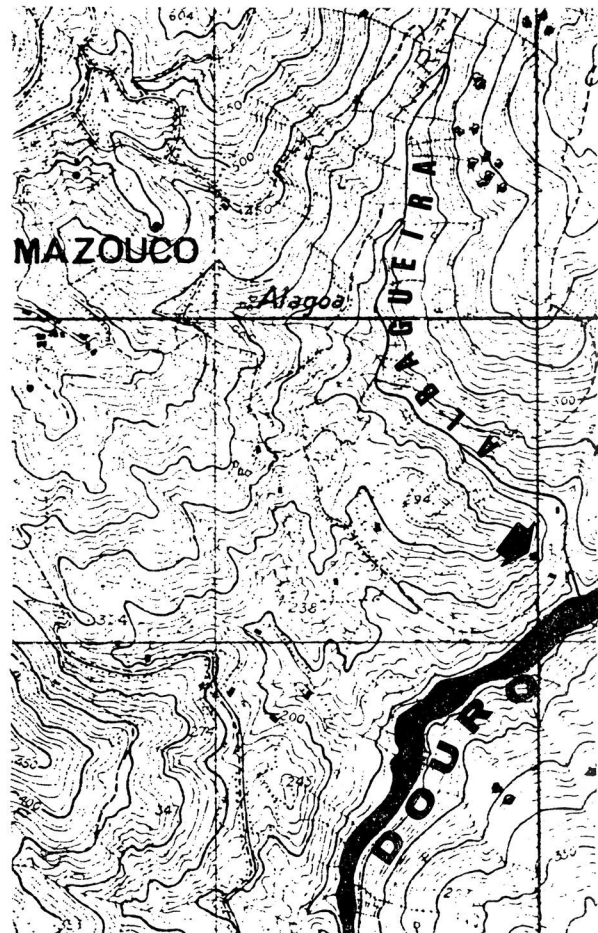


FIG. 1. Localização da estação na carta de 1/25.000.

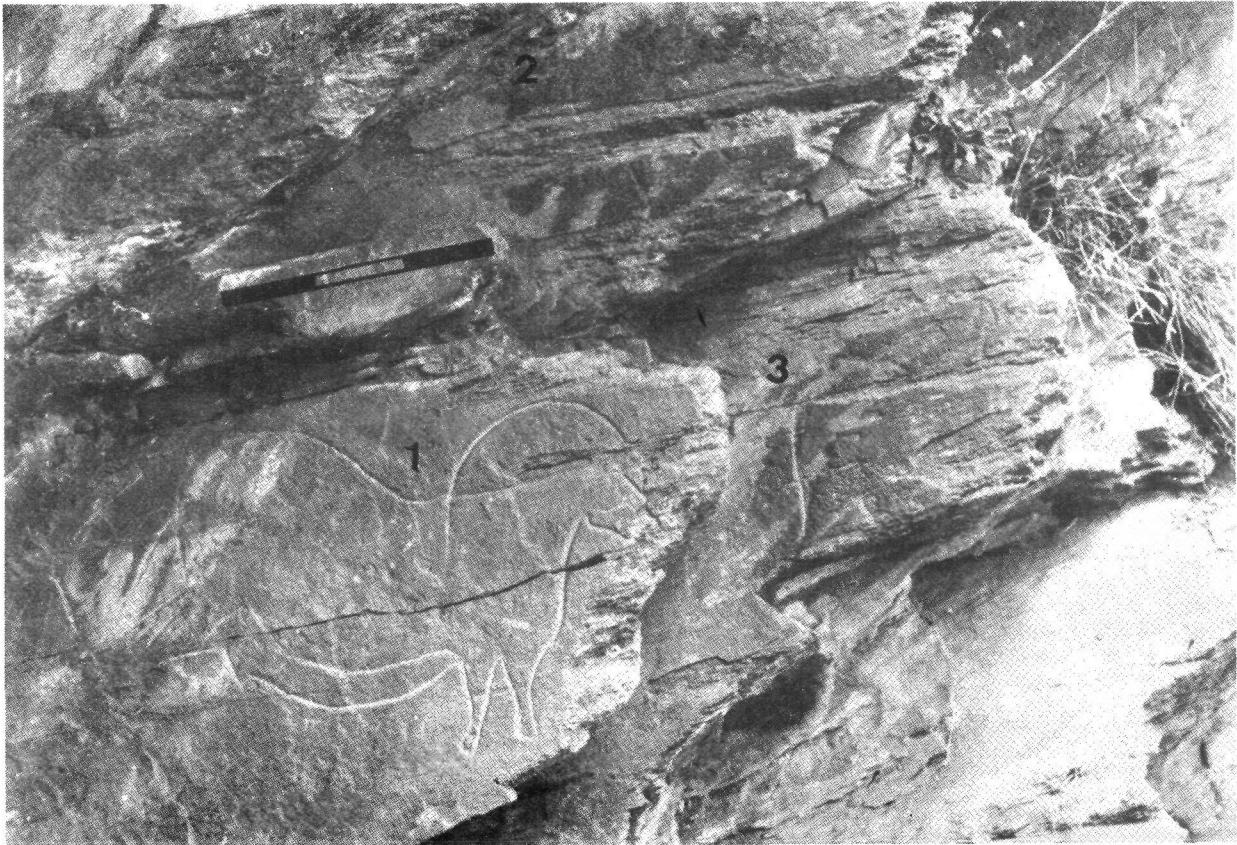


FIG. 2. O conjunto das gravuras.

Um observador que olhe as gravuras de frente, isto é, que se volte para NNW, encontra, à sua esquerda, uma superfície maior, em que se acha gravado um animal (que designaremos pelo n.º 1) pela técnica da abrasão (traço contínuo). Este animal tem um comprimento total de cerca de 62 cm., e uma altura máxima de aproximadamente 37,5 cm. A extremidade do focinho e um troço da parte superior da cabeça desapareceram, devido a fragmentação da rocha; pode porém seguir-se todo o resto da linha do dorso, bastante sinuosa, com um recôncavo bem acentuado ao centro e uma parte posterior convexa, saliente. A cauda é larga (4 cm. no máximo) e tem o comprimento de c. de 13 cm., não sendo visível a sua extremidade, ou por não ter sido esboçada, ou por não se ter conservado; o traço é aliás nessa zona pouco fundo (c. de 1 mm.), como de resto em toda a parte traseira do animal, onde a rocha apresenta uma coloração esbranquiçada, em resultado da erosão, que assim teria eliminado uma película superficial, apenas deixando visível o fundo dos sulcos. As patas traseiras estão incompletamente figuradas, re-

duzidas à sua parte superior. A pata esquerda tem um perfil sub-triangular (visivelmente correspondente à zona da coxa), interrompendo-se a cerca de 10 cm. do corpo; a direita pouco ultrapassa os 9 cm. no seu comprimento máximo, e tem um contorno semelhante; a sua leitura é prejudicada por uma fissura da rocha, que atravessa o animal longitudinalmente, e que incrementou a meteorização da pedra de um e outro dos seus lados. A zona do ventre é definida por duas linhas curvas, paralelas, situadas a 4 cm. uma da outra na parte média; trata-se decerto da figuração da parte inferior da barriga, conferindo ao animal um certo volume. De notar que a fundura do sulco inferior, mais importante, porque dando o contorno da figura, é maior (c. de 3 mm.) do que a do sulco superior, interno. Além disso, a linha inferior apresenta uma protuberância sub-triangular junto à pata direita traseira, correspondente à figuração do sexo masculino. As patas dianteiras, claramente definidas, são curtas (c. de 9 cm. na esquerda, e de 10 cm. na direita), contribuindo para dar ao animal um aspecto atarracado, pois se en-

contram quase à altura da parte inferior do ventre. A pata esquerda está figurada de perfil, e engrossa na parte terminal, correspondente ao casco, que parece sugerido, do lado esquerdo, por um duplo contorno; a pata direita apresenta-se de frente, criando portanto aí uma perspectiva torcida; o casco está delimitado por um sulco horizontal, a cerca de 2 cm.



FIG. 3. Gravura n.º 1.

da extremidade, algo arredondada. A cabeça, com uma protuberância arredondada na base, correspondente à saliência do maxilar inferior, está bem destacada do corpo, e apresenta, mesmo truncada, um comprimento máximo de c. de 5 cm. No seu interior, um negativo sub-triangular parece corresponder a um olho. Entre a cabeça e a parte média do animal, desenha-se uma linha curva, semi-oval, nitidamente destacada (c. de 8 cm na zona mediana), que só pode representar a crina, uma crina à qual o autor da gravura quis dar todo o destaque.

A crina bem erguida, a convexidade da parte posterior do dorso, a cauda levantada e a disposição das patas traseiras, dão ao animal —concretamente, um cavalo— uma nítida disposição de movimento.

Apesar do carácter relativamente «fresco» com que, a uma primeira observação, esta figura nos surge, carácter esse certamente decorrente dos reavivamentos recentes e da fundura do traço, trata-se de uma gravação bem antiga, como o mostra a análise de pormenor. Esta evidencia o intenso boleamento de ambos os lados superiores dos sulcos; a permanência de uma pátina escura em certos pontos, nomeadamente na zona média de cada uma das «vertentes» dos mesmos sulcos; o facto da fissura que percorre o corpo do animal ser claramente posterior à gravação, como se confirma na parte anterior do

corpo, sob a cabeça, onde a referida fissura provocou uma ligeira deslocação da parte inferior da pedra, interrompendo a continuidade original do traço.

Trata-se pois da representação de um equídeo (família dos *Equidae*, sub-família dos *Equinae*, género *Equus*).

À direita da gravura descrita, numa superfície contígua e paralela à desta mas mais retraída em relação ao observador (plano de xistosidade sub-vertical situado mais para o interior do afloramento), encontram-se outros dois motivos animalísticos, de dimensões prováveis bastante menores e grau de conservação muito inferior (gravuras n.ºs 2 e 3, fig. 6).



FIG. 4. Gravura n.º 1, detalhe.

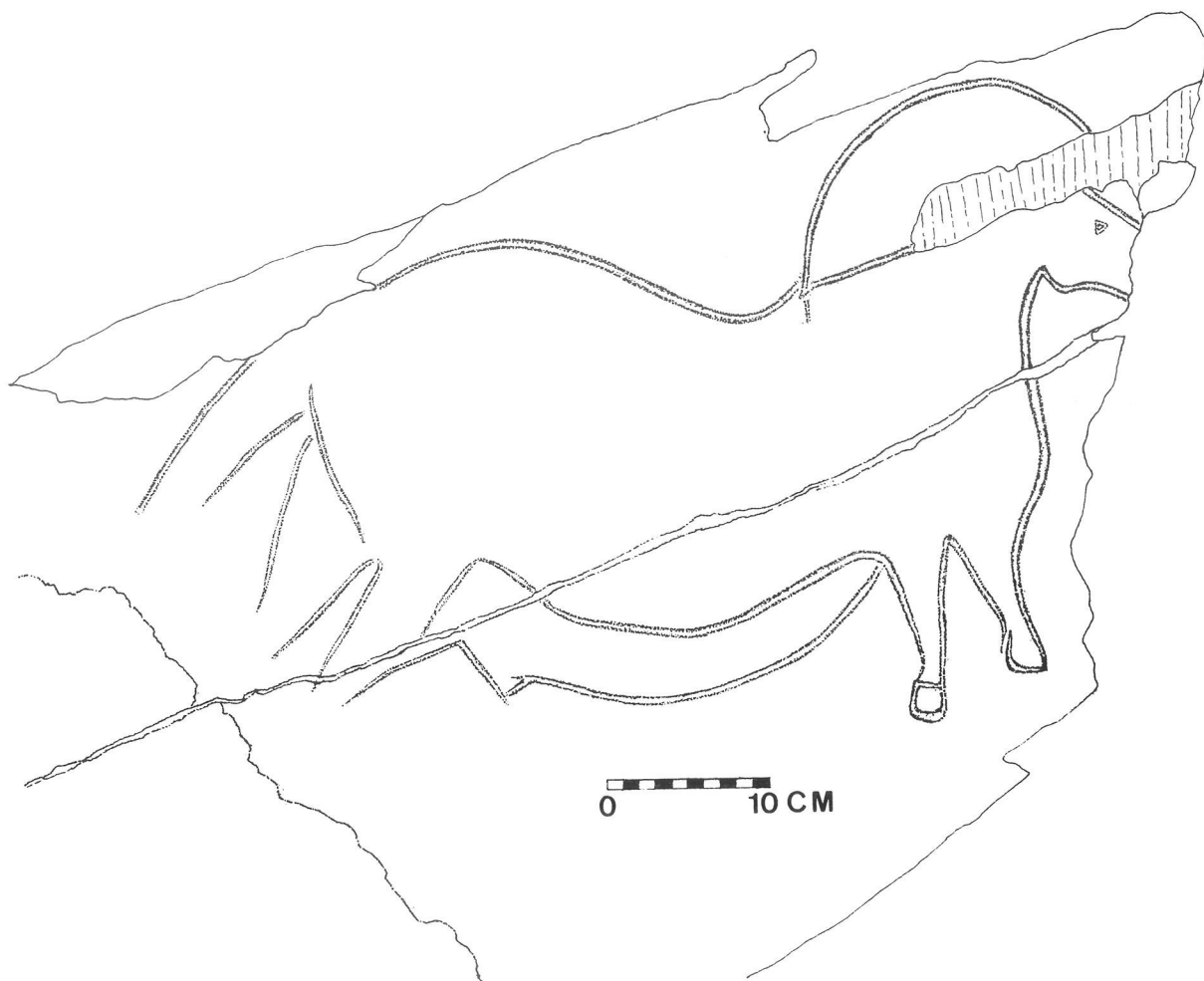


FIG. 5. Gravura n.º 1, decalque.

Concentremo-nos no motivo n.º 1, que é o mais explícito. Para uma tentativa de interpretação, teremos de recorrer a problemas de estilo, por um lado, e de caracterização do tipo de equídeo em causa, devidamente conjugados. Em primeiro lugar, diremos que o estilo foge a tudo quanto se conhece na arte rupestre animalista portuguesa de ar livre, que é pós-glaciar: nem se compara com os animais gravados na arte rupestre do vale do Tejo, nem com os do «círculo galaico-português», por exemplo. O motivo apresenta-se com um estilo intermédio *entre um figurativismo sintético, e um figurativismo analítico*: linha cérvico-dorsal sinuosa, ventre arredondado e volumoso (volume este dado por duas linhas curvas alongadas, concêntricas), extremidade das patas tra-

seiras e da cauda omitidas, perfil absoluto de certas partes do corpo, enquanto que outras se apresentam em perspectiva torcida, crina inusitadamente alta, arredondada, entrando ligeiramente na parte superior do corpo, patas da frente curtas, mas realistas, com figuração dos cascos, saliência do maxilar inferior bem nítida. A sensação geral de movimento está principalmente dada pela acentuada sinuosidade da linha cérvico-dorsal, conjugada com o lançamento para a rectaguarda das patas traseiras e cauda arqueada. Todas as características apontadas conferem ao animal um estilo misto, de certo esquematismo conjugado com a acentuação realista de pormenores anatómicos, e de ligeiro hieratismo ao qual não falta a animação do movimento.

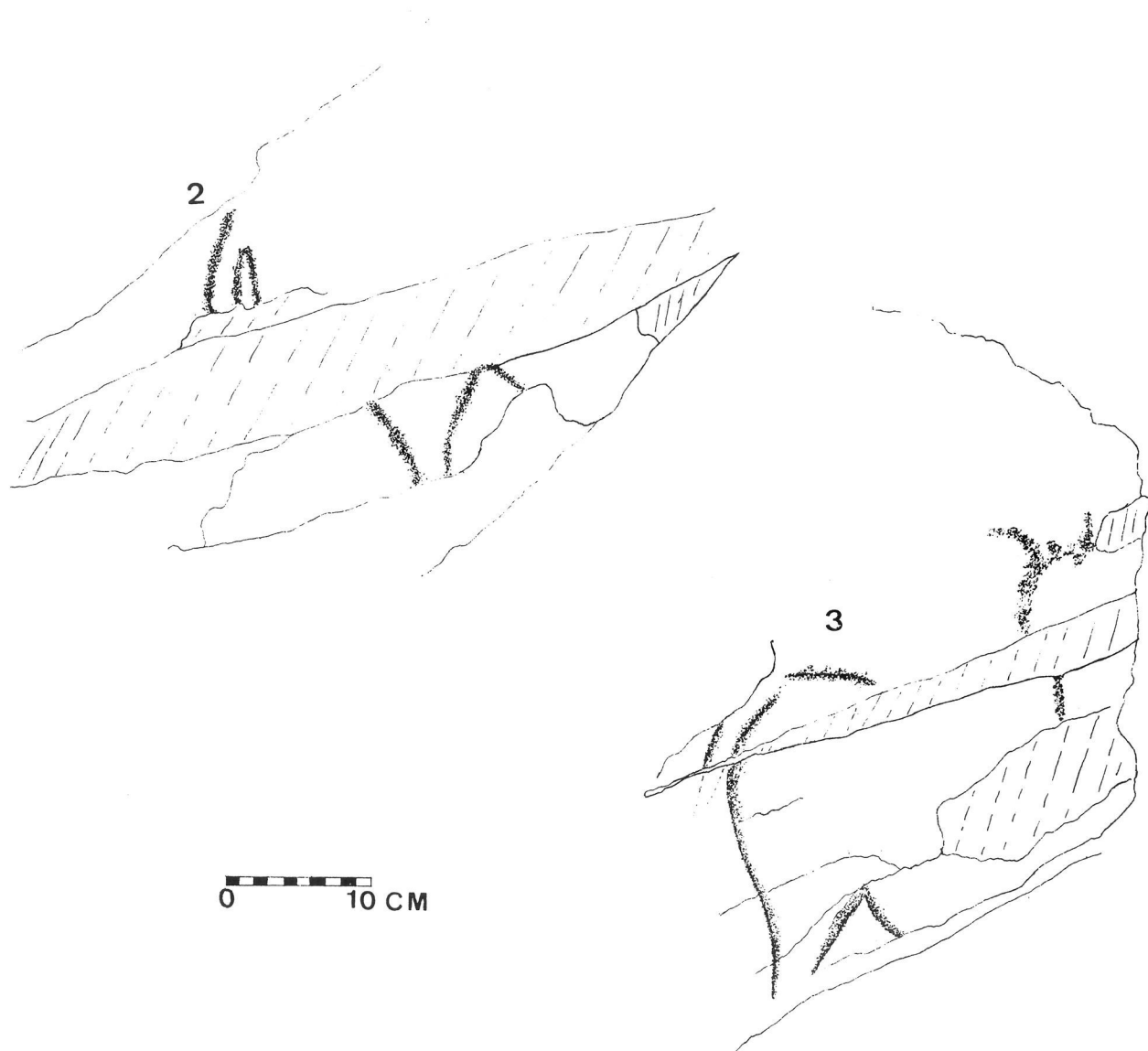


FIG. 6. Gravuras n.ºs 2 e 3. decalque.

Pela descrição acima feita compreende-se que tenhamos pensado, para este animal, uma integração na arte parietal do Paleolítico superior,

adentro das manifestações periféricas do círculo franco-cantábrico. Realmente, o cavalo de Mazouco não seria difícil de inserir numa posição intermédia

entre os estilos III (Solutrense recente, Madalenense antigo) e IV (Madalenense médio e recente) de Leroi-Gourhan. A confirmar-se tal cronologia, estaríamos, como dissemos, perante a primeira

manifestação de ar livre da arte do Paleolítico superior português, ciclo artístico, aliás, até agora só representado no nosso país por uma única estação, a gruta de Escoural, em Montemor-o-Novo *.

BIBLIOGRAFIA

- Dos autores: *Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta)*, «ARQUEOLOGIA», n.º 3, Junho de 1981, pp. 3-12.
- V. O. JORGE, S. O. JORGE, M. J. SANCHES e J. P. RIBEIRO, *Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)-Nótula arqueológica*, «Portugalia», nove série, vol. II/III, 1981/1982, pp. 143-145.

* Agradecemos ao Prof. Jordá Cerdá, a quem consultámos sobre as gravuras estudadas nesta nota, as úteis indicações e opiniões que teve a gentileza de nos enviar.